

AS ORGANIZAÇÕES EXTRATIVISTAS NA AMAZÔNIA E A CONCEPÇÃO HOLÍSTICA DO MEIO AMBIENTE

THE EXTRACTIVE ORGANIZATIONS IN THE AMAZON AND HOLISTIC CONCEPTION OF THE ENVIRONMENT

*Raimunda Regina Ferreira Barros**

SUMÁRIO: Introdução. 1 A concepção mecanicista da ciência. 2 Novo paradigma científico e o meio ambiente. 3 Os extrativistas na Amazônia brasileira e a ciência holística. Considerações finais. Referências.

RESUMO: Vive-se atualmente em uma sociedade global regida pelo modelo capitalista cujas práticas sociais se pautam fundamentalmente pela produção e reprodução do capital e se dão, no mais das vezes, em desrespeito e total agressão ao meio ambiente como se os recursos naturais fossem infinitos. Nota-se, entretanto, que já há pessoas e movimentos organizados que orientam suas ações visando à sustentabilidade do planeta, merecendo destaque a relação que os extrativistas da Amazônia brasileira estabelecem com a natureza. Para tais pessoas e grupos a visão holística do meio ambiente tende a ganhar força, sendo cada vez mais aplicada às suas relações com a natureza. É a superação da concepção cartesiana e a opção por práticas ecológicas de compreensão do inter-relacionamento e interdependência entre os vários componentes da natureza, em que o homem vê-se como parte desta e não como um ser superior.

Palavras-chave: sustentabilidade. meio ambiente. natureza. extrativistas. ciência holística.

ABSTRACT: We live today in a global society governed by the capitalist model whose social practices are governed primarily by the production and reproduction of capital and took places, in most cases, in total disrespect and aggression to the environment, as natural resources were infinite. We must have in mind, however, already that there people and organized movements that guide their actions for the sustainability of the planet, with emphasis on the relationship that the Brazilian Amazon extractive have with nature. For such individuals and groups the holistic view of the environment tends to gain strength, being more and more applied to their relations with nature. It is the overcoming of Cartesian sense and practical option for ecological understanding of the interrelationship and interdependence between the various components of nature, in which man sees himself as part of it and not as a superior being.

Keywords: sustainability. environment. nature. extractive. holistic science.

INTRODUÇÃO

A sociedade atual se pauta por necessidades que vão desde as

* Graduada em Direito pela Universidade Federal do Pará - Campus Universitário de Marabá (2003). Especialização em Direito Processual Civil pela Universidade Anhanguera-UNIDERP; bolsista da Fundação Ford; Mestrada na PUCPR, com início no primeiro semestre de 2011, na linha de pesquisa Sociedades e Direitos do Programa de Pós-Graduação em Direito Econômico e Saociambiental desta instituição de ensino.

fundamentais à existência humana, passando por aquelas que servem apenas ao prazer e ao bem estar, até as criadas apenas para dar vazão ao consumismo de produtos e serviços absolutamente desnecessários e supérfluos com vistas a dar suporte à reprodução do capital para alimentação do sistema vigente.

As necessidades humanas implicam em demanda por matéria prima, produção, distribuição e descarte final daquilo que não será utilizado. Em todas as etapas deste processo se tem os mais distintos graus de agressão ao meio ambiente, muitos dos quais poderiam ser mitigados ou até mesmo evitados, o que não se faz, no mais das vezes, por questões de cunho financeiro.

Àquele que explora economicamente determinado ramo de atividade não convém, embora a legislação o obrigue a isto, investir em formas de prevenção de danos ambientais e a sociedade de modo geral ainda carece de educação e/ou informação. Tal deficiência contribui para a escassez de ações de sustentabilidade ambiental. Não se pode generalizar é claro, mas, a ausência de compromisso da sociedade com a natureza e com um desenvolvimento ambientalmente sustentável ainda está muito aquém do desejado.

Observa-se também que nas últimas cinco décadas a humanidade enfrentou os anos mais devastadores de ameaças à biodiversidade e, ao mesmo tempo, foi o período que mais se falou em defesa do meio ambiente.

O problema ambiental não é uma falha do sistema capitalista, é, antes de tudo fruto do seu êxito, vez que este se fortaleceu com a dominação da natureza, usando-a como unidade mercadológica, enaltecendo o paradigma que os recursos são ilimitados. Essa concepção encontra-se em crise profunda. Para que haja chances para a vida no planeta é fundamental que se repense a forma de se lidar com a natureza.

O homem, em especial o ocidental, tende a se achar um ser superior aos demais e o único senhor da natureza de onde pode retirar o que quiser sem se preocupar com as consequências. Esta é uma visão muito enraizada na ciência cartesiana, mas, não é a única e não há como prevalecer se se pretende um meio ambiente melhor. Neste sentido, a experiência do homem da floresta, que vive do extrativismo vegetal e sua relação intrinsecamente ligada ao meio que habita, pode servir de indicativo de que há saídas plausíveis para a crise ambiental sem que haja necessidade de maiores elaborações teóricas.

A urgência de mudança de postura do homem em relação aos recursos naturais e sua finitude e a experiência dos extrativistas amazônicos nessa conjuntura é o que se abordará a seguir neste trabalho.

1 A CONCEPÇÃO MECANICISTA DA CIÊNCIA

A natureza sempre foi entendida pelos povos indígenas e pelas comunidades mais tradicionais como ser vivo, fundando-se esta compreensão em uma ideia animista de mundo. Assim, para tais povos a terra e tudo que a compõe são, na verdade, uma comunhão de sujeitos e não uma coletânea de objetos¹.

Esse modo de pensar a relação homem-natureza deixou de ser alicerce da ciência e da filosofia a partir do advento da utilização dos métodos científicos cartesianos, inspirados pela Revolução Científica nos séculos XVI e XVII, ocasião em que se passou a avaliar o mundo como uma máquina morta e o homem como ser superior a comandar esta máquina e dela retirar o que lhe aprouvesse.

Nos séculos XVI e XVII a forma medieval do homem ver se relacionar com a natureza, com fundamentos cristãos e na filosofia de Aristóteles, passou por profundas transformações, ao que CAPRA (1996, p. 34) se refere asseverando que a noção anterior, que via o universo como um todo orgânico, vivo e espiritual, foi substituída pela noção do mundo como uma máquina, e a máquina do mundo tornou-se a metáfora dominante da era moderna.

A forma cartesiana de se fazer ciência, concebida sob o ponto de vista das ideias de Descartes, implicava na criação de um método de análise por meio da fragmentação do fenômeno a ser estudado a fim de compreender o funcionamento do todo. Assim, somente isolando pensamento e matéria, alocando-os em mundos independentes e

¹ Essa perspectiva animista tem uma longa e ilustre linhagem filosófica. Para alguns eminentes filósofos, como Spinoza e Leibniz, e mais recentemente Alfred North Whitehead, era inconcebível que a atitude senciente (consciência subjetiva) pudesse um dia ter surgido ou evoluído de matéria inteiramente não-senciente (objetiva, física), pois propor isso seria acreditar numa divisão fundamental ou inconsciente no tecido mesmo da realidade. Por esse motivo, cada um desses filósofos considerou a matéria como intrinsecamente senciente. O novo animismo que eles adotaram simplesmente reconhece que o mundo material a nossa volta sempre foi uma dimensão de sensações e sentimentos – mesmo que sejam sensações muito diferentes das nossas – e que cada entidade tem de ser tratada com respeito pelo próprio tipo de experiência. (HARDING, 2008, p. 29).

desvinculados entre si, é que se poderia compreender o objeto analisado. O estudo científico se dá a partir das propriedades das partes de um objeto específico advindo daí a percepção de sua integralidade. São as leis matemáticas que regem o mundo e o que importa são os fragmentos para se apreender o conjunto.

As descobertas em física, astronomia e matemática, ocorridas com a Revolução Científica e associadas aos nomes de Copérnico, Galileu, Descartes, Bacon e Newton representam o marco histórico do método mecanicista de análise (CAPRA, 1996, p. 34).

Ao discorrer sobre essa forma de se fazer ciência, HARDING (2008, p. 35) relembra que Francis Bacon e Galileu foram dos mais importantes precursores da revolução científica em que aos pesquisadores era solicitado que “amarrassem” a natureza e fizessem pressão sobre ela usando invenções mecânicas, para que ela “possa ser arrancada de seu estado natural, espremida, moldada”, e desse modo “torturada” até revelar seus segredos. Destarte, para Bacon, a natureza, uma vez escravizada “recebe ordens do homem e trabalha sob sua autoridade”. O cativeiro da natureza representa por este método a expansão do domínio humano sobre o universo físico.

O pensamento cartesiano estabelecia que o mundo era baseado em razão matemática e o meio para conhecê-lo era o isolamento da mente em relação à natureza e assim se proceder à coleta de dados e observação dos processos mecânicos, anulando-se as impressões subjetivas. O que resultasse desses experimentos somente era tido por válido se pudesse ser reproduzido por outros pesquisadores e se pudesse ser usado para construir modelos matemáticos, prevendo comportamento futuro dos fenômenos de maneira a permitir completo domínio e controle sobre eles (HARDING, 2008, p. 29).

O denominado Movimento Romântico do fim do século XVIII e no século XIX inaugurou novos juízos valorativos em oposição à ideia cartesiana mecanicista, tendo por expoentes o poeta e pintor William Blake e Goethe, figura central desse movimento.

Outro importante pensador contrário ao mecanicismo absoluto e que contribuiu para dar início a uma nova forma de se ver o mundo foi Immanuel Kant. Ele também acreditava que a ciência só poderia oferecer explicações mecânicas, mas, em áreas em que elas se mostrassem inadequadas - como na compreensão da vida - poderia ser suplementada, sustentando que os organismos vivos, ao contrário de máquinas, são auto reprodutores e auto organizados, e cada parte existe por meio da outra

(CAPRA, 1996, p. 36).

A concepção romântica da natureza harmoniosa é um retorno à antiga tradição animista que fora suplantada pelo método de Descartes com o advento do mecanicismo. Modernamente houve uma reinserção na ciência da hipótese de Gaia - a Terra como um Planeta Vivo -, como elemento das teorias desenvolvidas na contemporaneidade.

O conceito da Terra Viva serve de base para uma mudança fundamental no paradigma científico de uma visão mecanicista de mundo para uma ótica ecológica e holística, em que tudo no planeta se interliga e onde todos os seus componentes são interdependentes entre si.

2 NOVO PARADIGMA CIENTÍFICO E O MEIO AMBIENTE

O desenvolvimento dos países tem se dado, sobretudo, no último século, à custa de recursos naturais vitais, provocando a destruição dos bens ambientais em ritmo e escala até então desconhecidos. A paisagem natural da terra está cada vez mais comprometida pelo lixo atômico e químico, pelos dejetos orgânicos, pela chuva ácida, pelas usinas nucleares. Por conta disso, em todo o mundo – e o Brasil não é exceção –, o lençol freático se contamina, a água e a cobertura vegetal se escasseiam, o clima sofre intensas alterações e o ar se torna irrespirável, abreviando os anos que o homem tem para viver sobre o planeta.

A Ciência tem descoberto causas e efeitos de catástrofes ambientais antes inimagináveis. O planeta chegou quase ao ponto de não retorno. O poder de renovação do meio ambiente está chegando ao seu limite. A questão ambiental virou questão de vida ou morte, não apenas para plantas e animais, mas também para o homem (MILARÉ, 2001, p. 39-40).

O alerta para a gravidade do risco de extinção do próprio homem foi dado em 1972, em Estocolmo, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, promovida pela ONU e com a participação de 114 (cento e quatorze) países. A conferência foi resultado da percepção das nações ricas e industrializadas de que a natureza estava - e está -, entrando em colapso devido ao crescimento econômico desenfreado e sem limites e à progressiva escassez dos recursos naturais (MILARÉ, 2001, p. 40).

A perda de identidade do homem com a natureza acarretou uma ruptura artificial entre ambos, é o que OST denominou de crise ecológica. Segundo o autor, a modernidade ocidental transformou a

natureza em “ambiente”: simples cenário no centro do qual reina absoluto o homem. Frisa que este ambiente cedo perderá toda a consistência ontológica, sendo desde logo reduzido a um simples depósito de resíduos (OST, 1997).

A ciência de bases cartesianas já não responde à realidade atual, em especial às grandes transformações havidas na natureza, que conduziram a essa crise ecológica global. É preciso se pensar e adotar novos paradigmas, a partir de uma mudança de pensamento fundada em valores ambientais, que venham a atender ao que CAPRA identifica como crise de percepção, cuja exteriorização redundou nos graves problemas ambientais atuais. Para CAPRA (1996, p. 25) “O novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas”.

Pode-se dizer que a visão holística do mundo e do meio ambiente funda-se primordialmente na teoria de Gaia, em que a Terra era a grande mãe que dava vida a todos e que recebia de volta todos os seres quando de seus perecimentos. Por esta forma de se conceber o mundo prevalece a visão animista, amplamente trabalhada por HARDING em sua obra “**Terra Viva**: ciência, intuição e a evolução de Gaia”.

A visão holística da natureza se utiliza da concepção sistêmica dos organismos vivos, conforme descreve CAPRA (1982, p. 260), para quem “Os sistemas são totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas a unidades menores”. Este autor considera que ao invés vez de concentrar-se nos elementos ou substâncias básicas, a abordagem sistêmica enfatiza princípios fundamentais de organização. Isso faz com que o cientista tenha que adotar uma postura proativa ante ao objeto estudado e passe a vê-lo como componente de um conjunto e não isoladamente.

Pela visão holística do meio ambiente, a natureza não pode ser considerada em suas partes individuais e estas em suas composições particularizadas. A Terra precisa ser vista como um Todo Vivo, cujas partes são inter-relacionadas, conectadas e interdependentes. A crise ecológica atual é resultado do reducionismo com a natureza passou a ser tratada pela forma clássica de se fazer ciência e por tudo que disto resultou em termos de produções científicas que não respeitam a vida, esta considerada em todas as suas formas.

Para LEFF (2001, p. 346), os graves problemas ambientais da atualidade emergem do que ele denomina de crise de civilização, como

sendo esta o resultado de um ponto de saturação e do transbordamento da racionalidade econômica dominante. O modo como a sociedade, organizada ou não, lida com a natureza e dela extrai seus recursos, está no cerne desta racionalidade econômica em que a produção e reprodução do capital ocorrem de forma desconectada da necessidade de conservação ambiental e, por consequência, em detrimento da sustentabilidade e da própria continuidade da vida no planeta.

Tratando sobre o domínio do mercado e a desconsideração da vida e da diversidade neste processo LEFF (2001, p. 347) considera que sob o princípio da unidade da ciência e da universalidade do conhecimento, homogeneizou-se a visão da realidade, gerando um pensamento unidimensional e uma via de mão única no processo de globalização econômica, que une o mundo sob o signo do mercado.

Pelas proposições de LEFF, há de se sobrepor à racionalidade mercadológica – fundada em uma visão da natureza como instrumento ao processo de crescimento econômico –, uma concepção de racionalidade ambiental, geradora de uma nova ordem econômico-social que tenha suas bases na consagração dos direitos ambientais. Essa visão converge com o que se vem abordando a cerca da necessidade de uma visão holística do mundo e da interconexão e inter-relação de todos os seus componentes.

A perspectiva de um planeta vivo e sustentável é abordada por HARDING (2008, p. 37), com otimismo, considerando ele que a crise vem desde a base da percepção humana que não vê mais o cosmos como vivo, nem reconhece o humano como inseparável do conjunto da natureza e a Terra como ser vivo. Mas, para ele há esperança, pois à medida que a crise se aprofunda, o apelo da *anima mundi* se intensifica.

A crise de compreensão tratada por HARDING decorre da separação entre o fato e o sentido, para o que a ciência mecanicista teve papel fundamental. Frente a essa crise de percepção de mundo, a mudança de paradigma que se vem tratando tem importância vital para que ocorram também alterações de valores substanciais na construção e manutenção da vida e na construção do futuro. Neste sentido, a visão holística do meio ambiente ganha relevância profunda².

A ciência holística encampa um pensamento sistêmico de mundo, pretendendo “compreender o sistema a partir dos padrões de

2 A ciência holística entrelaça os aspectos empíricos e arquetípico da mente para que trabalhem juntos, como parceiros iguais, numa busca que tem por objetivo não uma compreensão completa e um domínio da natureza, mas que se esforça por alcançar uma genuína parceria com ela. (HARDING, 2008. p.39).

relacionamento entre as partes e não as partes como entidades isoladas” (HARDING, 2008, p. 42).

Esse pensamento sistêmico também se funda nas ideias anunciadas pelos biólogos organísmicos, que substituíram a noção restrita de função por uma compreensão de organização, contextualizando e estabelecendo a natureza das relações entre as diversas componentes de um determinado fenômeno objeto de estudo.

Assim, na linha da construção teórica de externada por CAPRA (1982, p. 40), de acordo com a visão sistêmica, as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo, são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui. Considera o autor que tais propriedades surgem das interações e das relações entre as partes e que são destruídas quando o sistema é dissecado, física ou teoricamente, em elementos isolados. CAPRA tem também presente a preocupação de a concepção sobre a interconexão existente na natureza possa ser demonstrada cientificamente. Para ele:

Numa cultura dominada pela ciência, será muito mais fácil convencer nossas instituições sociais da necessidade de mudanças fundamentais se pudermos apoiar nossos argumentos em uma base científica. A física moderna pode mostrar às outras ciências que o pensamento científico não tem que ser necessariamente reducionista e mecanicista, que as concepções holísticas e ecológicas também são cientificamente válidas (CAPRA, 1982, p.45).

As pessoas que vivem na floresta e dela dependem para sobreviverem parecem haver compreendido - sem necessitarem de nenhuma teoria para tanto -, como se dá na vida cotidiana a interdependência homem-natureza que muitos pensadores vêm há tempos teorizando.

3 OS EXTRATIVISTAS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA E A CIÊNCIA HOLÍSTICA

Inicialmente se disse que a sociedade atual pauta-se pela satisfação de suas necessidades - reais ou inventadas -, dando sustentação ao sistema capitalista vigente. Isto se dá, direta ou indiretamente, com a geração de problemas ambientais grande monta.

Na base da produção para suprir as necessidades humanas está a

matéria prima e, em sua extração, transporte, etc., se verifica inúmeras falhas que levam à erosão, ao desflorestamento, às queimadas, à destruição de nascentes e mananciais, dentre tantas outras formas de agressão à natureza. Isso conduz à escassez cada vez maior de recursos naturais.

Superar a noção de que o que importam são as necessidades individuais e o interesse do capital parece ser um dos maiores desafios postos à sociedade contemporânea. Esta não é uma tarefa fácil nem indolor.

Acredita-se serem imprescindíveis nesse processo de construção de consciências mais ecológicas, as elaborações teóricas propostas por CAPRA, HARDING e LEFF, a partir das quais se compreende a necessidade de uma modificação paradigmática na concepção dos valores predominantes na sociedade atual, assim como a transmutação de uma racionalidade econômica para uma racionalidade ambiental, tendo como fundamento a compreensão da Terra como um Planeta Vivo, auto organizado e em constante mutação. A visão holística é um importante começo e a sustentabilidade deve ser um padrão de comportamento.

O conceito mecanicista, constituído pela ideia de desenvolvimento ligada unicamente ao crescimento econômico, resultou em um planeta com gigantescos problemas ambientais, sendo possível se afirmar que “Pela primeira vez na história humana a atividade econômica é tão extensiva que produz mudanças ambientais em escala global” (CAMARGO, 2010, p. 27). A concepção holística da ciência representa uma contraposição e alternativa viável a esta realidade catastrófica.

O trabalho exercido pelos extrativistas na Amazônia brasileira representa uma clara opção do homem pela convivência harmônica com a natureza de onde ele retira seu sustento, mas, também, e acima de tudo, onde também percebe ser o seu ambiente de vida, a sua casa.

Os trabalhadores extrativistas amazônicos extraem da floresta a seringa, a castanha-do-pará ou castanha-do-brasil (*Bertholletia a excelsa*), babaçu, juta e diversas outros vegetais, no entanto, não perdem de vista a necessidade de conservá-la e mantê-la de pé. Não é só uma questão de sobrevivência imediata - é também isto -, mas, é muito mais. O homem da floresta mantém com esta uma relação de comunhão, de íntima conexão e interdependência em que ele precisa da floresta e também se sente no dever de conservá-la para a continuidade da existência de ambos. Não é algo teoricamente elaborado, planejado. É simplesmente natural que seja assim.

As pessoas que vivem do extrativismo vegetal na Amazônia estabelecem com a natureza uma relação de interação e cooperação. Por um lado extraem da floresta aquilo que necessitam para sua sobrevivência e bem-estar e, por outro, a protegem e dela cuidam para que se mantenha saudável e equilibrada. É uma via de mão dupla, de cooperação mútua homem-natureza, em que um precisa do outro e ambos se apoiam e se respeitam.

José Cláudio Ribeiro da Silva (2010)³, um extrativista do interior do Estado do Pará, ao falar sobre a importância da floresta para a sua vida e dos demais extrativistas da Amazônia, traduz de forma singela e repleta de significados a importância da natureza para os trabalhadores extrativistas. Diz ele:

[...] essas árvores que tem na Amazônia são as minhas irmãs, eu sou filho da floresta eu vivo delas, dependo delas, faço parte delas. Quando vejo uma árvore dessas em cima de um caminhão, indo pra serraria me dá uma dor! É o mesmo que eu está vendo um cortejo fúnebre levando o ente mais querido que tenho, porque é vida para mim que vivo na floresta, é vida para todos vocês que vivem nos centros urbanos [...].

Em sua análise sobre possíveis saídas para a superação da crise ecológica atualmente vivenciada LEFF (2001, p. 368/369) aponta como passo significativo a organização de movimentos sociais, que, notadamente no campo da construção jurídica, têm contribuído para a emergência do que ele denomina de *novos direitos ambientais*. Para ele, o impacto do desenvolvimento nos processos de degradação socioambiental, na produção de pobreza e na deterioração das condições de existência e na qualidade de vida das majorias desencadeou movimentos sociais que estão na base da construção de novos direitos ambientais, culturais, coletivos e territoriais dos povos.

O autor em comento se refere a organizações expressivas neste sentido como o Movimento dos Sem-Terra, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Brasil, que fundaram um movimento a favor da agricultura ecológica; o movimento da Confederação Nacional de Trabalhadores Agrícolas, que tem atuação contra os cultivos e produtos

3 Ele vivia de maneira sustentável em seu lote rural, resistindo às várias ameaças de madeireiros que denunciava por derrubarem a floresta. José Cláudio e sua esposa Maria do Espírito Santo foram assassinados em 23/05/11. O vídeo com sua palestra está disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=78VguhyTwQ>>.

transgênicos e as tentativas de mudar o Código Florestal Brasileiro - fato já consumado -, que ameaça incrementar o desmatamento da floresta amazônica; e, aponta tantos outros como o movimento dos seringueiros, cuja demanda é a definição de suas reservas extrativistas no Estado do Acre (LEFF, 2001, p. 368/369).

A importância da organização social para a concretização da percepção da natureza como um todo interdependente, de maneira especial as organizações camponesas, extrativistas e indígenas a que LEFF (2001, p. 368/369) se refere reside na relação que estes povos têm com o meio onde vivem. A forma como tais pessoas se relacionam com a terra é algo próximo ao que HARDING (2008) aprofunda como Teoria de Gaia e converge para uma concepção holística do meio ambiente.

As mais significativas notícias que se tem sobre os extrativistas amazônicos, sua organização social e modo de lidar com o meio ambiente são recentes e referem-se ao movimento ambientalista liderado por Chico Mendes no Estado Acre. O principal objetivo desses extrativistas era manter a floresta de pé para dela extraírem a seringa. Isto contrariava frontalmente os interesses de madeireiros e fazendeiros da região que a queriam derrubada para vender a madeira e, em seu lugar, realizar plantio de pastos para criação extensiva de gado bovino.

A realidade dos extrativistas da Amazônia brasileira e sua empreitada preservacionista foram objetos de estudo de LÖWY (2005, p. 9), que faz memória da figura história de Chico Mendes enquanto ambientalista, cristão, socialista e marxista que liderou centenas de seringueiros na Amazônia em defesa de sua preservação, utilizando-se da filosofia da não violência. Ressalta LÖWY (2005, p. 9) que os inimigos dos extrativistas são os latifundistas, o agronegócio, as empresas madeireiras ou pecuárias, apontado que estes querem derrubar as árvores para exportar a madeira e/ou para plantar mato no lugar da floresta, criando gado para a exportação. Para o autor, trata-se de inimigos poderosos, que contam com a UDR como seu braço político, com jagunços e pistoleiros mercenários como braço armado e inúmeras cumplicidades na Polícia, na Justiça e nos governos (local, estadual e federal).

Nos primeiros anos da década de 1980 as organizações dos seringueiros da Amazônia ganharam maior notoriedade e, a partir do objetivo comum de preservação da floresta suas mobilizações passaram ter como aliados comunidades indígenas e camponesas, nascendo então a Aliança dos Povos da Floresta⁴.

4 É nestes anos que o combate dos seringueiros e outros trabalhadores que vivem da

Para LÖWY (2005, p. 12) “Chico Mendes era perfeitamente consciente da dimensão ecológica desta luta, que interessava não só aos povos da Amazônia, mas a toda a população mundial que depende da floresta tropical”.

Em 1988, os extrativistas liderados por Chico Mendes conseguem duas importantes vitórias que são: a implantação das primeiras reservas extrativistas criadas no Estado do Acre, e a desapropriação do Seringal Cachoeira, do latifundiário Darly Alves da Silva, em Xapuri/AC. Naquele mesmo ano o líder seringueiro viria a ser assassinado a mando da família Alves da Silva⁵.

A manutenção da economia de mercado com seu paradigma de progresso e desenvolvimento tal qual se encontra, ameaça a sobrevivência da própria espécie humana além de tudo mais que existe na natureza. Desta feita, pensar um capitalismo ecologicamente correto é, quando muito, uma manobra publicitária. É essa a posição dos ecossocialistas ao proporem uma mudança na civilização, fundada em uma nova forma de se pensar a produção, focando em tecnologias não poluentes e na utilização de novas práticas de consumo. Por esta ordem de ideias, as palavras de LÖWY (2005, p. 73): “O combate para salvar o meio ambiente, que é necessariamente o combate por uma mudança de civilização, é um imperativo humanista, que diz respeito não apenas a esta ou àquela classe social, mas ao conjunto dos indivíduos”.

A relação estabelecida pelos extrativistas da Amazônia brasileira com a natureza é um claro exemplo de experiência a ser observada e imitada se se quer reverter a crise ecológica contemporânea. O homem perceber-se pertencente à natureza, nem superior nem inferior, apenas parte dela, é

extração (castanha, babaçu, juta) para defender a floresta vai convergir com o das comunidades indígenas e grupos camponeses diversos, dando lugar à formação da Aliança dos Povos da Floresta. Pela primeira vez, seringueiros e indígenas, que tantas vezes se haviam enfrentado no passado, unem suas forças contra o inimigo comum: o latifúndio, o agro-business, o capitalismo agrícola destrutor da floresta. Chico Mendes definiu com as seguintes palavras as bases desta aliança: *‘Nunca mais um companheiro nosso vai derramar o sangue do outro; juntos nós podemos proteger a natureza, que é o lugar onde nossa gente aprendeu a viver; a criar os filhos e a desenvolver suas capacidades, dentro de um pensamento harmonioso com a natureza, com o meio ambiente e com os seres que habitam aqui.’* (LÖWY, 2005, p.11).

⁵ Para a oligarquia rural, que tem, há séculos, o hábito de ‘eliminar’ — em total impunidade — aqueles que ousam organizar os trabalhadores para lutar contra o latifúndio, ele é um ‘cabra marcado para morrer’. Pouco depois, em dezembro de 1988, Chico Mendes é assassinado, em frente a sua casa, por pistoleiros a serviço dos Alves da Silva. (LÖWY, 2005, p. 15).

condição vital para entender o mal que vem causando ao meio ambiente e, por consequência, a si mesmo, representando um passo essencial para uma mudança de postura em relação ao planeta como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que a economia capitalista em que se vive atualmente tem por meta majorar ao máximo o lucro e minimizar os custos. No afã se chegar ao fim desejado é bastante visível que as pessoas – e tudo que as envolve como cultura, saúde, qualidade de vida, dignidade no trabalho, etc. -, e a preocupação como meio ambiente, não gozam de prioridades nesta conjuntura. Assim, o projeto do capitalismo global e a sustentabilidade humana e ambiental se encontram em franca rota de colisão.

Na vida prática vê-se que o homem é o lobo do próprio homem e da natureza como um todo, o que levou CAPRA (1982, p. 273) a tomar posição no sentido que “A agressão excessiva, a competição e o comportamento destrutivo são aspectos predominantes apenas dentro da espécie humana”. Para o autor, tais características devem ser tratadas em termos de valores culturais, em vez de se procurar “explicá-los” pseudocientificamente como fenômenos intrinsecamente naturais. Não sendo naturais, e mesmo que o fossem, são aspectos humanos passíveis de mutação.

Promover a alteração no código de valores que determinam a direção da economia e os rumos da humanidade, direcionando-o para um sistema em que a sustentabilidade ambiental e a dignidade humana não lhe sejam opostos, parece ser o grande desafio do século XXI. Encontrar este caminho é condição basilar para a sustentabilidade humana no planeta e também deste.

A proposta da ciência moderna, de domínio do homem sobre a natureza e de expansão deste domínio sobre todo espaço físico, certamente logrou êxito, em especial em seus aspectos mais negativos. A preponderância da razão levou a ciência, ainda que não intencionalmente, a gerar instrumentos e situações altamente destrutivos como a bomba atômica, as mudanças climáticas e o buraco na camada de ozônio. A racionalidade não se revelou como algo positivo nestes e em tantos outros casos. Demandará muito tempo e esforço para que seus efeitos maléficos à terra e ao próprio homem possam ser revertidos.

Resta evidente que a ciência cartesiana e reducionista não dá mais conta da realidade e, mais que isso, que é necessário e urgente uma mudança na forma de se conceber o planeta e as relações do homem com a natureza, redefinindo-se paradigmas em que a vida em todas as suas formas tenha primazia.

A ciência holística e a apreensão no meio ambiente nesta concepção representa a desconstrução da forma tradicional de se fazer ciência (quantitativamente) e faz um convite ousado e necessário para que o homem passe a ter uma nova forma de se relacionar com a terra. A ideia de vê-la como uma *criatura* que improvisa, se autotransforma e se renova, e não como uma máquina é um passo importantíssimo para um mundo sustentável.

A concepção holística da natureza é algo que não pode mais esperar, embora, ao que parece, falta muito para se concretizar em ações mais visíveis. Não se pode negar, entretanto, que muitos são os que a praticam, sendo possível citar os povos indígenas e muitas populações tradicionais, cujo contato e vivência com a natureza é mais que uma questão de sobrevivência, trata-se de comunhão.

Na aplicação da visão holística ao meio ambiente, a palavra interdependência tem importância fundamental vez que é só a partir da compreensão de que todos os componentes do planeta são - em maior ou menor escala-, interdependentes entre si, e que o desrespeito de quaisquer deles em relação ao outro levará a desequilíbrios, que poderá haver tomada de posição por uma vida sustentável. Os trabalhadores que vivem do extrativismo vegetal na Amazônia brasileira estão a dar aulas disto com sua vivência cotidiana de respeito ao meio ambiente.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Paulo de Bessa. **Direito ambiental**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2001, p. 324/327.

BECKERT, Cristina. **Dilemas da ética ambiental**: estudo de um caso. Revista Portuguesa de Filosofia, Lisboa, n. 59, 2003, p. 675-687.

BRUBAKER, Sterling. **Viver na terra**: o homem e seu ambiente em perspectiva. São Paulo: Cultrix, 1976.

CAMARGO, Ana Luiza de Brasil. **Desenvolvimento sustentável**:

dimensões e desafios. 5. ed. São Paulo: Papirus, 2010.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

_____. **As conexões ocultas**. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CUSTÓDIO, Helita Barreira. **Direito ambiental e questões jurídicas relevantes**. Campinas: Millennium, 2005.

DORST, Jean. **Antes que a natureza morra**: por uma ecologia política. Tradução Rita Buongiorno. São Paulo: Edgard Blucher, 1973.

HARDING, Stephan. **Terra Viva**: ciência, intuição e evolução de Gaia. São Paulo: Cultrix, 2008.

LEFF, Enrique. **Os direitos ambientais do ser coletivo**. In: LEFF, Enrique. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. p. 346-370.

_____, Enrique (Org.). **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.

LÖWY, Michael. **Ecologia e socialismo**. São Paulo: Cortez, 2005.

MILARÉ, Edis. **Direito do meio ambiente**: doutrina, prática, jurisprudência e glossário. 2 ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2001.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MOUTINHO, Paulo; PINTO, Regina Pahim (orgs). **Ambiente complexo, propostas e perspectivas socioambientais** (série Justiça e Desenvolvimento/IFP-FCC), São Paulo, FCC/Fundação Ford/IFP, p.35/47.

OST, François. **A natureza à margem da lei**: a ecologia à prova do

direito. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

SANTILLI, Juliana. **Agrobiodiversidade e direito dos agricultores**. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2009.

SILVA, José Cláudio Ribeiro da. Castanheiro no Município de Nova Ipixuna/PA em palestra no **TEDxAmazônia**. nov. 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=78VguhyTwQ,A>>. Acesso em: 5 jan. 2012.

VEIGA, José Eli. **A emergência socioambiental**. São Paulo: Senac, 2007